

UM 25

José Miguel Braga Figueira de Sousa

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.176.9>

Estudei piano e falava francês, mas também fui tocado pela Graça e ainda muito jovem, nas reuniões da Juventude Escolar Católica, vi uma pequenina luz que me entregava o encanto da palavra. Ouvia os mais velhos e deixava-me fascinar pela música que se desprendia nos colóquios e debates. Comecei então a compreender que o mundo era injusto e que muitos viviam em grande penúria e sofrimento. Com o início da década de 70 já era um homenzinho e vi nascer a vocação da política. Algumas atmosferas sociais e familiares evitavam ou censuravam a inquietação e a Liberdade que todo o homem deve experimentar para ser capaz de se interrogar, mas eu tornei-me desconfiado e comecei a compreender que havia guerra e que a cidade era um lugar sitiado por uma chusma de beatos, bufos e delatores.

Entre 1972 e 1974 tornei-me um jovem revolucionário e o Liceu Sá de Miranda foi a casa da revolução. Nessa altura vivíamos animados por uma intensa vocação para o debate e a discussão. Enfrentávamos alguns professores autoritários, procurávamos discutir e denunciar as bases teóricas e morais do regime inventado por Salazar e convivíamos como irmãos e jovens revolucionários, de certa maneira protegidos pelo encanto romântico da subversão, da reunião clandestina ou da fuga através da fronteira pedregosa que nos conduziria, pelas escarpas do Gerês, até ao exílio na doce França. O *25 de Abril* salvou-nos do desespero, da iminência da prisão e, sobretudo, da guerra colonial.

A militância política e o radicalismo fizeram-me viver alguns meses difíceis. Vivía um pouco à parte, ensimesmado na intolerância reivindicativa dos movimentos de extrema-esquerda, mas tive sorte e rapidamente me libertei, tendo conseguido chegar a tempo à grande festa popular que agitava o país. O ano de 1975 e, em particular, o chamado verão quente teve uma grande importância na minha vida. Nesse ano fecharam as escolas e eu tive tempo para viver a revolução e para meditar. Mantive-me crítico e aguerrido, mas iniciei uma espécie de processo de autoeducação que me ensinou o dever da tolerância. Nessa época aprofundei a tentação ou a vocação da melancolia, que tinha nascido na primeira infância e que se explicava, talvez, pelo facto de eu ter observado e convivido com aquele mundo de ladainhas e pedintes, de loucos e marginais que atravessavam as ruas da cidade lúgubre, mais ou menos hipócrita e reaccionária, que eu me habituara a conhecer. Não passei fome, mas vi a fome passar ao meu lado, as crianças descalças, as chagas do corpo, as frieiras, o vício das promessas, a credice, a miséria moral do regime e da educação dos privilegiados. Nesses tempos de adolescência, o meu coração oscilava entre as harmonias convencionais de um romantismo de alcova, onde tinham lugar privilegiado os sonhos, as paixões, as aventuras mais ou menos heroicas e um desejo profundo de evasão.

Em minha casa também se discutia o futuro e o meu pai sonhava ter um filho a estudar em Coimbra. Imaginava-me de capa e

batina, cursando direito e assistindo às serenatas ou talvez improvisando loas a alguma morgadinha pendurada numa janela da Alta. Eu vivia desenganado. Os meus sonhos eram outros. Teriam começado nos livros dos Cinco e depressa entristeceram na leitura dos Esteiros e da Selva. Eu bem sabia que não havia meios para estudar em Coimbra, mas também não tinha inveja dos que um dia puderam conviver com as ninfas do Mondego. Fiquei-me pelas Éstides e acho que fiquei muito bem. Em 1976 abria portas a Universidade do Minho e eu, encantado da vida, inscrevi-me no Bacharelato em Ensino de Português-Francês. Havia falta de professores e eu augurava por um emprego seguro. Tive a sorte de ter os pés na terra e, já que tinha algum jeito para a língua de Victor Hugo, deixei-me levar pela razão prática.

A Universidade do Minho estava a começar e as primeiras aulas aconteceram no Largo do Paço. Só no segundo ou terceiro ano foi inaugurado o complexo pedagógico da Rua Dom Pedro V, o qual viria a ser, em tempos de maior abundância e desafogo, a sede da Associação Académica da Universidade do Minho. Eu era um dos mais jovens alunos da UM. Agitado, crítico, interventivo e ao mesmo tempo educado pelo censo prático, motivado pelo desejo de tolerância e por uma espécie de vocação amorosa e humanista. A Universidade do Minho foi, depois do Liceu Sá de Miranda, a minha escola, a casa que eu habitei com paixão e que me habituei a respeitar. Ainda hoje. A vivência do Curso foi intensa, preocupada e também excessiva. Andei metido em tudo. Ajudei a levantar a Associação Académica numa primeira versão mais ou menos inspirada na unicidade sindical e o Teatro Universitário de Braga, onde fui ator e animador. Eu era um jovem tímido e melancólico que aprendia a comunicar. Apesar das marcas que vinham do passado e das memórias de tempos difíceis mais ou menos inscritas no meu corpo em crescimento, procurava ser feliz e transcender-me.

De 1976 a 1979, o ano em que fiz estágio e me tornei profissional do ensino, viveram-se anos muito agitados na Universidade do Minho. Ao mesmo tempo, a universidade crescia e consolidava-se vencendo intolerâncias, dificuldades logísticas e financeiras e reunindo

à sua volta um grande consenso cívico, cultural, político e académico. A minha vida académica pautou-se sempre pela vocação crítica e interventiva e pelo bom senso que me aconselhava a prudência e um certo otimismo. Reflito com algum orgulho sobre a tempo que passei, mais achado do que perdido. Faço parte de uma época que passou e que deu à luz outra época, novas vivências e valores que se renovaram, porque tudo “é composto de mudança”. A figura do primeiro reitor Lloyd Braga não cessa de iluminar essa passagem tão importante da minha vida. Ele foi também a imagem e o exemplo da tolerância e da perseverança.

A minha formação académica foi marcada pelo discurso e a preocupação pedagógica, mas eu não acreditava muito em escolas e compêndios. Aprendi a pedagogia no teatro, na política e no associativismo. Aprendi também a aceitar a diferença e a respeitar os outros, tendo sido capaz de elogiar as capacidades académicas e científicas, mesmo quando as opiniões ou a história privada me confessavam casos polémicos e difíceis de compreender para uma alma jovem imbuída de bons augúrios revolucionários e inspirada em falanstérios difíceis de contrariar. A minha ligação com a Universidade do Minho continuou ao longo dos tempos. Fui orientador do estágio integrado na então Escola Secundária Sá de Miranda. Trabalhei intensamente com futuros professores de Português da licenciatura em Português-Inglês. Reencontrei-me na dinâmica do trabalho comunitário, partilhando experiências, privilegiando a experimentação e deixando-me apaixonar pela investigação e pela descoberta das maravilhas literárias ancoradas em gramáticas surpreendentes. Fui também convidado do primeiro Curso de Verão e esse contacto com jovens alunos chegados das várias partes do mundo ter-me-á motivado para a viagem.

Um dia parti para Paris e depois para Clermont-Ferrand, onde me tornei Leitor do então Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Continuei a colaborar com a UM, recebendo os estudantes Erasmus, promovendo viagens de estudo a Braga e visitas de investigadores. Foram muitas as pessoas, professores e funcionários, com

quem convivi ao longo dos anos e eu sentia-me muito bem integrado e compreendido. A Universidade sempre me aceitou, apesar do meu desassossego e do meu espírito crítico e eu sempre fiz o possível por respeitar a casa que tão bem me tratava. Depois de Clermont-Ferrand segui para Paris. Fui Leitor em Nanterre e professor no Centro Cultural da Fundação Gulbenkian e na Sorbonne, graças à amizade do professor e poeta José Terra. Conheci gente admirável. Lembro Maria de Lourdes Belchior, Eduardo Prado Coelho, José Manuel Esteves e os meus colegas Leonel Melo Rosa e Bernardette Capelo Pereira. Um dia tive que regressar. Era um jovem pai e nós entendíamos que a filha devia crescer em Portugal. Assim foi.

No regresso, em 1996, via-me regressado a um lugar renovado. Eu era jovem e senhor de muitas vontades e alegrias. Dediquei-me ao ensino e ao teatro e pouco depois, em 1997, fui convidado pelo ICS e pelo seu Departamento de Ciências da Comunicação para ensinar Técnicas de Expressão na Licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho. Mais tarde as Técnicas de Expressão I e II dariam lugar a *Corpo e Performance* e *Corpo e Escrita*. Permaneci na UM durante mais de vinte anos, primeiro como assistente convidado e depois como professor auxiliar convidado. Fiz o doutoramento, graças ao apoio dos meus amigos orientadores, Moisés Martins e Manuel Pinto. Fui muito feliz com a amizade e o apoio do Luís Santos e da Helena Sousa, do Alberto Sá, do Pedro Portela, da Sandra Marinho, da Helena Pires e de toda aquela boa gente que habitava a grande escola de comunicação da UM. A partir de 2008, com a iminência do doutoramento e os encantos da descoberta do ator e do espaço vazio, abriu-se a porta da escrita e ainda hoje vivo nesse mundo em viagem.

Quase a terminar, gostava de dedicar este testemunho à memória do professor José Azevedo Ferreira. Foi uma pessoa encantadora, incansável no trabalho, sempre preocupado com os outros, quase inocente no desvelo e na entrega ao ensino e ao bem-estar dos estudantes e de todos aqueles que viviam à sua volta.

A UM teve uma enorme importância no meu devir enquanto homem e cidadão e eu só posso acrescentar que tive muita sorte na vida. A UM foi e é, sem dúvida, uma grande conquista do *25 de Abril*.

